

1999

2000

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 59/62
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

IMPRESSO

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA

BRASIL
500

Reportagens
Poemas
Entrevistas
Idéias
Leis

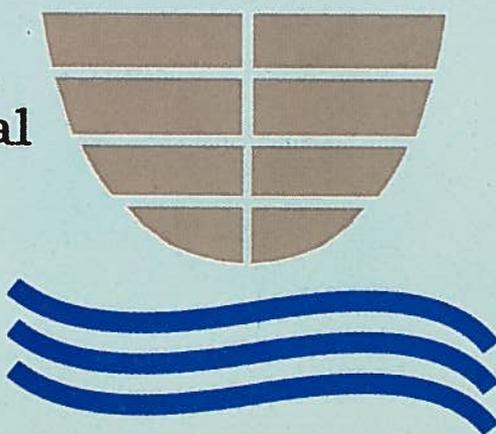
Centro-
Oeste

250

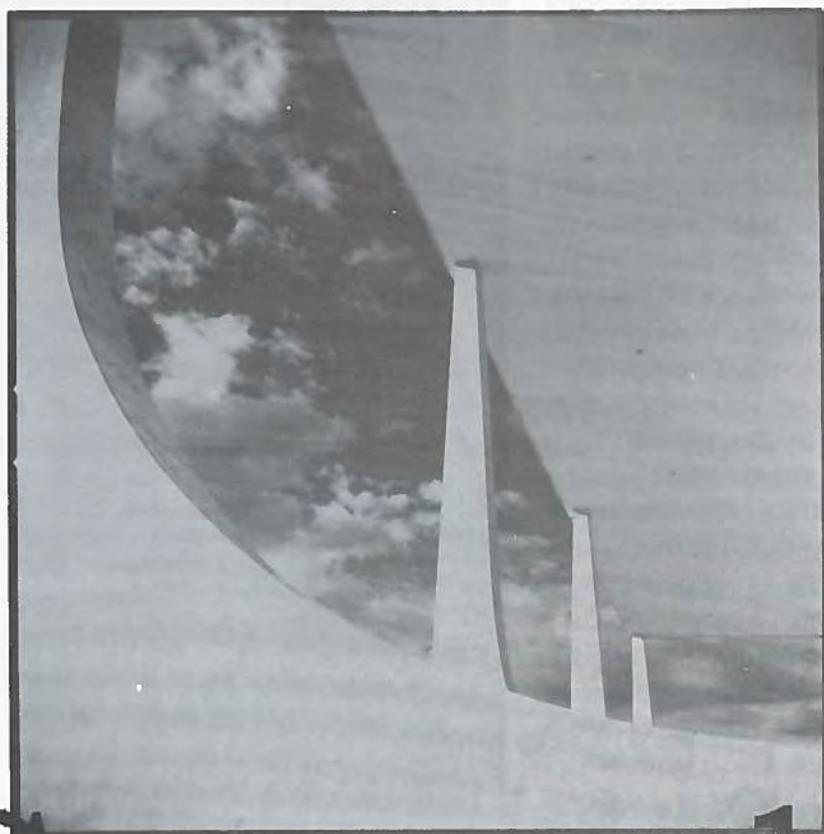
Brasília 40

Câmara
Legislativa
do Distrito Federal

10



Especial
Carta de Caminha narra
o descobrimento
do Brasil

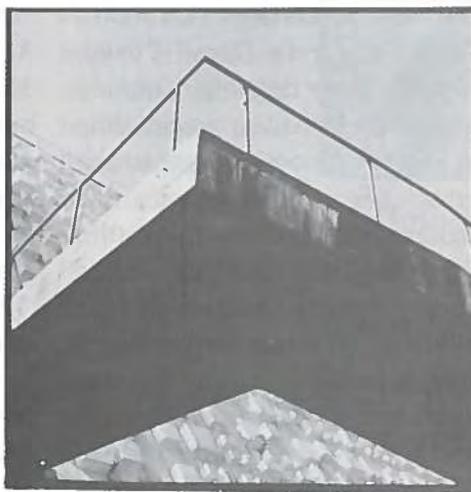


O Cerrado

e o Planalto Central

Transfigurações

PAULO BERTRAN



Ensaio fotográfico
de Rinaldo Morelli

Nautas do Sertão. Até hoje alguns goianos, brasilienses primevos e tocantinenses antigos dizem coisas como “por lá navega a estrada”, “navega a serra do nascente ao poente”, expressões tatuadas na língua, que de alguma forma expressam da gesta quinhentista das grandes navegações. Arcaico nome para navegar-se os mares de ondulações do Planalto Central.

Brasil Central e Ocidental. O reino das montanhas sensuais com os corpos entremeados das mesetas retilíneas das chapadas – as savanas

brasileiras, ditas do cerrado, que são no entanto uma vegetação toda aberta – e cuja denominação vem de cerro, altitudes onde se mostra em todo seu suave e raro encanto.

Von Martius em 1820 denominou-o de “Regio Montano-Campestris”, o reino dos campos entre montanhas, cujas ninfas protetoras, na cabeça de Martius, eram as Oréades. Mais modernamente têm sido poeticamente denominados de jardins japoneses de bonsais e pedras, por figurarem muitas vezes, em sua tortuosidade e em seus campos rupestres, quase um cenário dos jardins zens. Estendem-se os cerrados como se fossem a coluna vertebral ambiental do continente: desde o Maranhão e Piauí, rompendo pelo centro de São Paulo e norte do Paraná. E todo o centro do Brasil, evidentemente.

As rochas sobre as quais se assentam são muito antigas, variando de um a quatro bilhões de anos, ou seja, na última marca, quase a idade de formação do planeta. Não há pois no Planalto Central as magníficas penedias da Serra do Mar e das montanhas centrais de Minas, pois a erosão de milhões de anos geológicos as arrasou em formas elípticas atenuadoras – que tanto inspiraram Niemeyer nos palácios de Brasília. São prolegômenos de luxúrias amorosas, do encontro, raro no país, do relevo aniquilado com os 180 graus do planisfério curvo.

O Sertão. Não aquele do semi-árido nordestino glorificado por Euclides da Cunha na Canudos das caatingas - mato branco em tupi - de tão rala a vegetação espinhosa que dá para ver o claro do chão por entre as urzes.

O Sertão Central e Ocidental é outro. É o do cerrado, muito diferente da caatinga. O sertão dos cerrados de João Guimarães Rosa, de Bernardo Élis, de Afonso Arinos (o velho), de Carmo Bernardes, de Cora Coralina e de Manoel de



“Agora conheço tua geografia
a pele macia cidade menina
teu sexo, teu lago, tua simetria
até qualquer dia te amo Brasília.”

Alceu Valença

Barros. Uma biodiversidade florística pasmante, maior talvez do que a amazônica. Os botânicos modernos distinguem uma dúzia de fitofisionomias do cerrado. Os índios Caiapós, segundo Darell Posey, distinguem mais de vinte, variando desde a mata fechada (parecidíssima com a Mata Atlântica), até os campos abertos – primeiro nome por que se designavam os sertões do Distrito Federal nos anos de 1700 – onde árvore alguma sobrevive às queimadas, às vezes nem mesmo arbustos, e tão-somente as gramineas, que neste caso florem da própria cinza, com indescritível variedade de formas e de cores. Completando o ciclo do fogo, o capim permanecia verde na seca,

mantendo, antigamente, grandes rebanhos de cervídeos... Território indígena de caça. E por isso, de índio caçador.

O cerrado, segundo o notável Ab'Saber, começou a formar-se há 35 milhões de anos e, para o botânico Mário Ferri, é a vegetação *mater* dos outros ecossistemas brasileiros. A Amazônia, por exemplo, constituía-se predominantemente de cerrados (ainda existem “ilhas” de savanas lá dentro). Só mudou depois da última deglaciação (cerca de 30-35 mil anos antes do presente), tendo-se derretido enormes geleiras nos continentes e na Antártica que fizeram subir as águas dos oceanos em 20 ou 30 metros, recuando a plataforma

continental brasileira, que se estendera antes por, às vezes, mais de 50 km, em relação à atual linha do litoral.

O principal beneficiário (?) foi o rio Amazonas, então estreito e raso, mas que pela verdadeira barragem de águas que lhe fez o oceano Atlântico na foz, ostenta hoje 90 metros de profundidade em frente a Manaus. O regime de chuvas mudou drasticamente. Surgiram os igarapés e a impressionante e frágil floresta amazônica, erguida sobre solos pobres, expulsou o cerrado de que se originava para os solos e climas mais escassos e secos do Brasil Central.

Não se conhecem os limites mais antigos da presença do homem no interior do Brasil. Talvez 30, 40 mil anos, a serem ainda confirmados nas escavações de São Raimundo Nonato, no Piauí. Mas na faixa de 10-12 mil anos atrás surgiram nos cerrados aquilo que chamo as "gerações douradas" (os arqueólogos chamam de tradição Itaparica), índios dotados de grande pendor artístico e artesanal, ocupantes sazonais de fantásticos abrigos pintados. Vão-se descobrindo seus indícios assim antigos em toda a savana brasileira. Não se estabeleceram, todavia, com exatidão, as conexões entre as "gerações douradas" e os índios Jês encontrados pelos bandeirantes e colonizadores do Brasil Central nos séculos de 1600 e 1700.

Era o império Jê, o império Tapuia do cerrado. Um índio bravo, eminentemente caçador, raramente seduzido pelos colonizadores, aos quais assediou ferozmente durante 50 anos de lutas. De língua, de etnia, de costumes diferentes dos Tupi-Guaranis do litoral brasileiro. Eram índios Goyases - de onde o nome do estado - os Crixás, os Acroás e outros, extintos. E reduzidas comunidades sobreviventes deles: os Caiapós e Xavantes confinados no Xingu, os Xerentes com reservas

em Tocantins, os Xacriabãs no norte de Minas, e os Carajás no vale do Araguaia.

Os Caiapós são notabilíssimos por plantarem cerrados na pré-amazônia paraense. Derrubam setores estéreis da floresta e, por meio do fogo e do plantio direto de espécies do cerrado, aos poucos recompõem a flora do meio ambiente do qual foram expulsos há 200 anos.

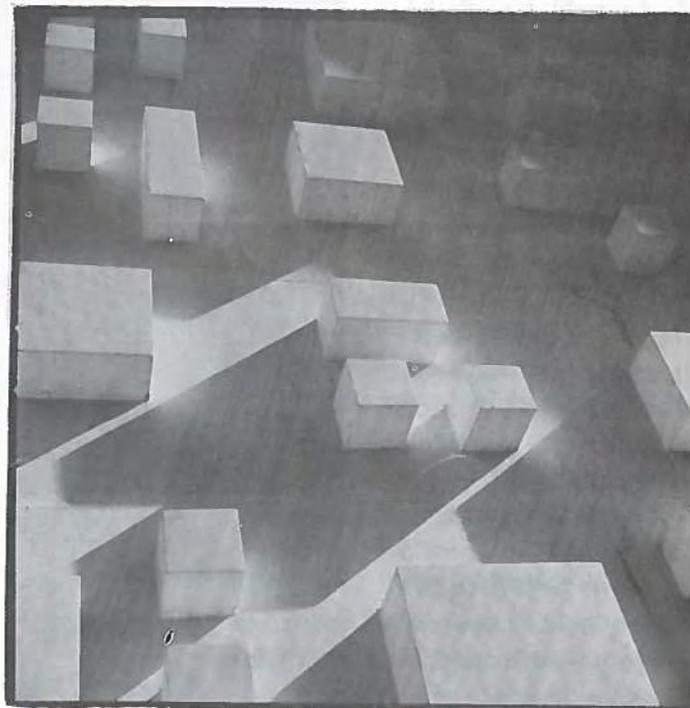
Já os Carajás atuais estão descaracterizados: envolveram-se muito com as comunidades mestiças do rio Araguaia. No passado, em seu médio curso, estiveram de tal forma encapsulados - durante, parece, uns mil anos - que nesse tempo desenvolveram línguas e costumes a tal ponto diferentes dos outros Jês, que velhos antropólogos os acreditavam de outra etnia. Antigamente, o homem e a mulher Carajá, cada qual falava uma linguagem sutilmente diferente, e no mato tinham caminhos diferentes para andar. Na preparação do ato sexual, a índia surrava bastante o índio antes de irem para a conjunção no mato... Estranho povo?

Mas eis que o cerratense primitivo eclipsou-se na história. Os bandeirantes paulistas vindos do sul e os padres jesuítas vindos do Grão-Pará incomodaram os indígenas do Araguaia/Tocantins, mas não deixaram marcas no território.

Estas vieram com os mineradores, com os ga-

rimpeiros donos de legiões de escravos. A conquista foi rapidíssima: Cuiabá (1719), Vila Boa de Goiás (1726), Pirenópolis (antiga Meia Ponte, 1731), Niquelândia (São José do Tocantins, 1735), Natividade-TO (1738), Paracatu - MG (1744), última grande mineração de Minas Gerais, já no cerrado. Eis que, em pouco mais de 20 anos em seus extremos, os cerrados auríferos de Goiás, Tocantins, os dois Mato Grosso, o Distrito Federal, o noroeste de Minas e o Triângulo Mineiro foram devassados e precariamente povoados...

Ao lado das minas de ouro instalam-se as sesmarias de fazendas. A capitania de São Paulo pariu seus filhos: nos livros dos notários da cidade bandeirante acotovelam-se, às vezes, de folha verso a reverso, sesmarias de Goiás às dos Campos



“O nosso sol era a cidade que todos nós íamos construindo, levantando, erguendo, e o sol já existia em nosso desejo e em nossa esperança.”

Juscelino Kubitschek

de Viamão, às do Cuiabá, às do noroeste paulista.

Em 1749 criam-se as capitanias de Goiás e do Mato Grosso. Fora a maior e mais rápida expansão territorial contínua da história da colonização luso-brasileira. Um terço do território nacional incorporara-se à coroa portuguesa e ao Estado do Brasil: 2 milhões de km² em uma vintena de anos! Houve depois, ao longo dos séculos 18 e 19, a descoberta de pequenos *placers* de ouro. Mas a última grande mineração de ouro do Brasil antigo foi a de Santa Luzia – atual Luziânia – em 1746, a pouca distância de Brasília. A mesma Santa Luzia que, em 1872, ganhava um primeiro prêmio na Exposição Internacional de Philadelphia - USA - pela excelência de seu doce de marmelo. A partir daí, caríssimas, suas caixinhas de marmelada – ainda hoje fabricadas em pequena escala – não podiam faltar nas melhores mesas da Corte Imperial e do Paço de Pedro II. O mesmo com a celebríssima cachaça de Paracatu e o fumo de rolo de Jaraguá de Goiás.

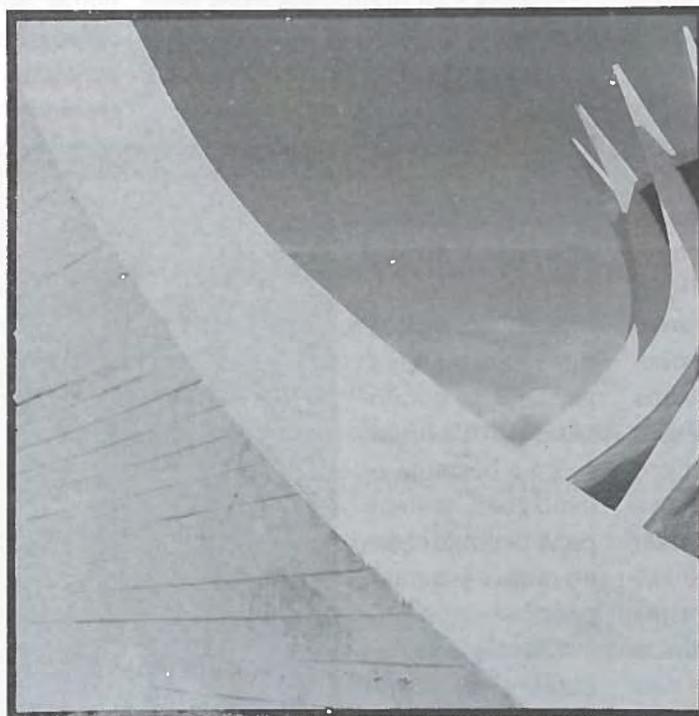
Arrebentara-se a linha de Tordesilhas entre a Espanha e Portugal.

Batida pelos fatos consumados, a Espanha conformava-se com as enormes perdas do Tratado de Madrid: o Brasil Central e Ocidental.

O ouro jorra menos de um século. Primeiro, exuberante, depois mornamente, depois raramente. Ainda em tempo do governo em Goiás do Barão de Mossâmedes (1772), ouvira o mandatário meia dúzia de óperas no giro que fizera pelos arraiais da Capitania. Em Mato Grosso, onde os diamantes recusavam-se a cessar, um governador

mais tardio e devasso ornamentou seu palácio do Guaporé – Vila Bela da Santíssima Trindade, fronteira com a Bolívia – com tetos pintados com motivos amorosos, sensuais. Contrabando do ouro português pela prata espanhola. Agora desaba o circo. Assim como o bandeirante paulista vai dar – Monteiro Lobato avisa – no Jeca Tatu pálido, o minerador empobrecido vai derramar no roceiro criador de porcos e galinhas, às vezes no criador de gado, às vezes no negociante ocioso deitado sobre o balcão de um comércio desalentado.

Desmoronam-se outrora belos povoados: São Félix, Traíras, Anta...



“*Brasília nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz.*”

Lúcio Costa

Outros adelçam-se em míseras magrezas. A capital Vila Boa de Goiás não cresceu um palmo em um século. Vila Bela do Mato Grosso encolheu tanto que mudaram a capital para Cuiabá: nem o contrabando rendia mais.

A sócio-economia da mineração cedera para a nova vida rural. A enxada e a foice ocupam o lugar dos velhos ferros dos varejões, almocafres e marretas, rasgadores dos filões de ouro.

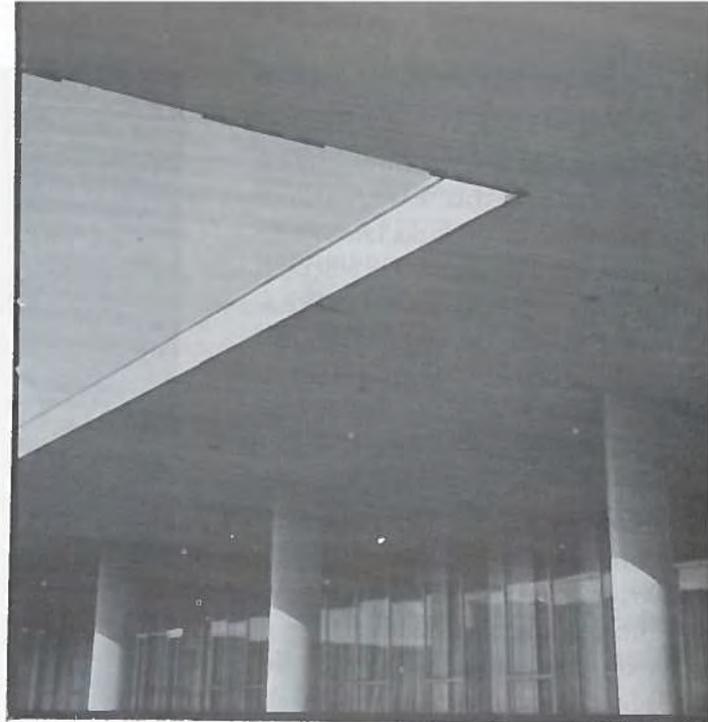
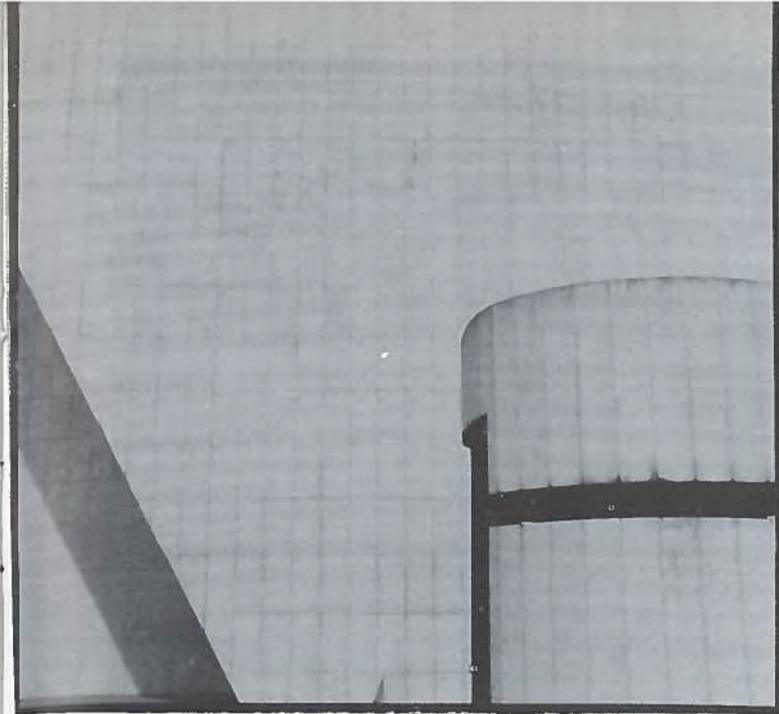
Na lavra do riacho aurífero agora brota milho, algodão, cana, banana, a mamona para o óleo de iluminação.

A escravaria míngua – é cara – trabalha e sofre mais do que no tempo do ouro, quando o senhor avaro e empobrecido, soltava livre o escravo pelos córregos, vendia-lhe a liberdade a prestação, a troco de uma oitava de metal na semana. Uma aliança de ouro delgada, de metal escasso.

No fim vai-se o escravo e o dinheiro e o crédito para comprar outros.

Move-se a máquina cruel e ardilosa do patriarcalismo. O casal fornicava não mais de prazer. De necessidade sim: 10,15 filhos plantados para cuidar das futuras roças e da precoce aposentadoria do fazendeiro, que talvez ainda sonhasse – pompa pobre – com o título de alferes da Guarda Nacional do Império do Brasil. E a mulher transfigura-se em matriarca quase à maneira turca, de porta adentro a economia doméstica, senhora dos filhos, genros e noras...

Os que além de fazenda tinham vulto no comércio tropeiro sertanejo, esses vestiam os mantos de Comendadores Imperiais da Ordem de Cristo, da Ordem da Rosa...



“Eu enxergava dentro das profundezas das montanhas e das reentrâncias das planícies. Tinha sob os olhos as riquezas incomparáveis desses países, as quais um dia serão descobertas.”

Dom Bosco

Enquanto seus primos pobres nas roças proliferavam e a cada geração - nas heranças - eram menores as terras, mais pobres as lavouras, maior o número de filhos servis e prolíficos, em busca da linha da miséria absoluta.

Antes porém que a pobreza relativa a tudo inundasse, houve famílias que tentaram novos ares.

Tão só da arruinada Vila de N. Sra. do Pilar de Goiás - reduto de famílias paulistas - já na escassez dos engenhos de cana, já de muito esquecido o ouro, passaram-se para o Mato Grosso os Dutras, onde nasceu o futuro presidente da República, Eurico Gaspar Dutra. Da mesma Pilar o P^e Bernardo Cardoso, bisneto do Anhangüera, tendo adestrado na caligrafia o filho tido com uma negra do povoado, envia Manoel com recomendação ao Bispo, que o empregasse de amanuense ou escrivão nos cartórios de Goiás. Era Manoel Cardoso de Oliveira, trisavô do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Ao tempo, um tronco goiano dos Fleury Curado enviava para além do Rio Grande os primeiros Fleurys de São Paulo. Paracatu, princesinha dos cerrados de Guimarães Rosa, desde há tempos exportava Mello Francos para Coimbra e o Rio de Janeiro...

O homem do cerrado, se culto e ilustrado, solto no mundo, vira, ou bem o cão chupando manga, ou bem o gato das botas de sete léguas. Viu-se esse recentíssimo Henrique Meirelles, presidente mundial do Bank of Boston? De lá mesmo de onde nasci: Santana das Antas, vulgarmente Anápolis - Goiás.

Vide na República Velha, Mato Grosso exportando Murtinho e Goiás exportando Bulhões, os mais longevos ministros da Fazenda da História do Brasil em razão da sua miserabilidade. Um sucedendo ao outro: homens do cerrado vestidos de fraque. A moderação pobre do Sertão Ocidental controlando com mesquinhasias os cadeados do Tesouro Nacional.

Que se danasse a República, mas não o poder de compra de sua

economia. Endividamentos públicos proibidos. Câmbio fixo, salários fixos.

Mimético com o solo pobre, a economia frugal do cerratense desenvolve o talento dos cálculos financeiros. Toda a República Velha assenta-se naqueles dois duradouros ministros da Fazenda.

Isolado no fundo do país, limitado pelas distâncias e pelas próprias carências do cerrado, o seu homem criara uma cultura material que não diferia muito da indígena. Trabalhava quando devia e quando as chuvas, regradas, o mandavam para o eito da roça, indispensável no sobreviver. Depois trabalhava quando queria.

No cavalo ajaezado saía para os pousos de uma dezena de Folias do Divino Espírito Santo, engrossava as caravanas das romarias de Muquém, Barro Preto e Água Suja.

Se conduzindo tropa comercial ou boiada lá ia também fecundando as donas do sertão. Casamento? Sim: "casado é quem casa com fé"...

As sacudidas e ruidosas festas dos

santos padroeiros. Festeiros sim. Rezadores, em horas de aflição. Um bispo de Goiás, tridentino roxo, quis acabar com festas e romarias. Expulsaram-no da prelazia. Daí talvez a permanência daquelas tradições populares coloniais. A funérea Semana Santa de Goiás Velho, tirada de um quadro de Hyeronimus Bosch. As Cavalhadas de várias cidades históricas - Pirenópolis, Corumbá, Jaraguá - tiradas de alguma liça medieval da reconquista de Portugal aos mouros.

Novos tempos no Planalto Central. A Primeira Guerra Mundial trouxe a ferrovia. Espalham-se estradas de rodagem pelas áreas mais povoadas. Afluem milhares de migrantes, do Brasil e do exterior.

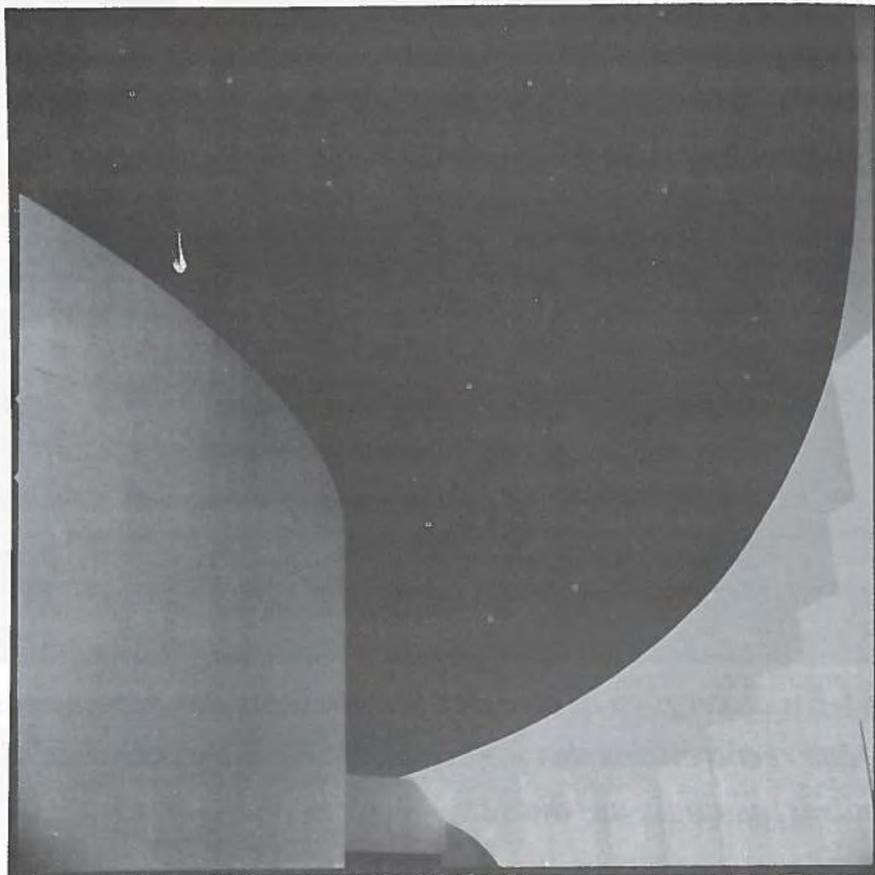
Revolução de 1930, Estado Novo ditatorial. O Dr. Pedro Ludovico Teixeira - o homem que nunca riu - em ato de força muda a capital da bicentenária Cidade de Goiás para a Goiânia *art-nouveau*. A capital do Anhangüera passa a designar-se pejorativamente "Goiás Velho".

Sucumbem as poucas terras de cultura do Planalto Central. Durante uma escassa geração, até o esgotamento do solo, foi o celeiro de grãos do país. Depois só restaram as invernadas e terras das glórias bovinas: reino do zebu, do gir, do nelore. À custa de muita adubação e defensivos as chapadas do cerrado tornaram-se, mais modernamente, intermináveis sojais. Os rios e córregos mínguem. O cerrado se extingue.

Marcha para o Oeste, aponta o dedo de Vargas. Milhares de pessoas mal alojadas na puta pátria-mãe abalam-se. Dezenas de povoados, futuras cidades, salpicam no mapa escassamente povoado.

Segunda Guerra Mundial. Goiás exporta níquel para o III Reich. Tocantins, cristais de rocha para os aliados, até que uns navios brasileiros vão a pique, atingidos por mísseis alemães.

Acaba a guerra, cai Vargas. Velhos



“Céu de Brasília,
traço do arquiteto,
gosto tanto dela assim.”

militares entendidos em geopolítica coçam as dragonas: desde a Inconfidência Mineira, o cônego Luís Vieira lembrava de quando o pirata Dugay Trouin tomou e saqueou o Rio de Janeiro e instava com os companheiros de infortúnio pela interiorização da capital do país.

Em 1892 um dos primeiros ditames da recém-editada Constituição da República foi mandar uma Comissão Científica ao Planalto para demarcar o futuro Distrito Federal.

E agora, perguntavam-se os velhos militares - pasmos com a possante máquina de destruição emergida da Segunda Guerra - que defesas tinha o Rio de Janeiro ou qualquer cidade litorânea para defender-se contra porta-aviões, submarinos, *destroyers*? Por acaso o Forte de Copacabana, obsoleto

desde o dia em que se inaugurou na baía de Guanabara?

Mandam continuar os estudos para a mudança da capital, na esperança da viragem dos ventos da História, nublados...

Houve então quem os entendeu, o homem talhado para estadista. Nonô Pé de Valsa, para os simpatizantes. Juscelino Kubitschek de Oliveira, mineiro risonho da musical Diamantina - pelo norte de seus cerros - quase o portal onde começavam o cerrado e o Sertão Ocidental. JK não tinha medo de sertão nem de distâncias. E afinal, aviões e automóveis existiam para quê?

O homem, com sua testada e eficiente equipe nos governos de Belo Horizonte e Minas, arregaça as mangas, monta um esquema paralelo - que lhe permite governar sem ser tolhido pelo próprio Estado que presidia - sacode o país todo. Pela primeira vez em 450 anos de História, o Brasil veria sua face obscura, a vastidão de seu corpo ondulado nos chapadões centrais, um frêmito vigorante de identidade de Nação.

É possível que nunca antes, em toda a história da humanidade – em exíguos cinco anos – jamais tenha existido uma ação tão fulminante quanto a construção de Brasília. E seguramente, na história brasileira, não houve.

Chama Oscar Niemeyer, dá-lhe carta branca. Oscar, o primeiro gênio – talvez o único – da escultura arquitetural curvilínea entra em transe. Os cânones gregos voam para o espaço. Desenha loucuras. Mostra para o engenheiro calculista Joaquim Cardozo, talvez tão ou mais gênio do que ele. – Funciona, Joaquim? Não cai? E Joaquim Cardozo, que também era excelente poeta, varava as noites na régua de cálculo. Surgiram os palácios esculturais e a mais bela praça – conquanto em escala não humana – que a arquitetura de século XX legará ao futuro da História da Arte – aquela dos Três Poderes.

Dizem que se o xerife geral da obra, Israel Pinheiro, levasse a JK algum empecilho de monta, respondia-lhe: – Façamos o supérfluo. O essencial alguém terá que fazer um dia...

Cuidava porém dos detalhes. Convidou o maestro Antônio Carlos Jobim e o poeta Vinícius de Moraes para se hospedarem no seu palácio de tábuas de Brasília – o Catetinho – enviou-lhes uma caixa de *scotch whisky* e a encomenda de comporem uma sinfonia para a nova capital. A sinfonia, sofrível. Talvez fosse ruim o *whisky*?

Convidou, no mundo inteiro, intelectuais e políticos, os mais importantes da época, para visitar as obras. Durante cinco anos a imprensa nacional não falou senão de Brasília. Os miseráveis funcionários federais que quisessem vir para a nova capital ganhariam em dobro – a famosa “dobradinha” – e ainda moradia de graça...

São Paulo chiava? Acostou-lhe ao pólo industrial as montadoras estrangeiras de automóveis. A

“A nova capital abre novos horizontes à pátria, desvenda as nossas inexploradas riquezas, integra o Brasil em si mesmo.”
Ernesto Silva

bancada nordestina estrilava? Encheu-lhes as indústrias açucareiras de incentivos...

Nonô tinha ao seu lado o povo brasileiro, curioso de ver no que ia dar tamanho rebuliço nacional. No asfalto novinho das azuis estradas brasileiras, pela primeira vez as classes médias passeavam em lindos carros Alfa-Romeo, de *design* italiano, no popular fusquinha ou nos DKW alemães, todos “made in Brazil”.

Constatados os poderes de JK, sua sedução, sua obsessão incoercível de inaugurar Brasília em 21 de abril de 1960, o Rio de Janeiro ainda deu uns vagidos de dor, lambeu seus palácios decadentes, deitou seus biquínis no novo bairro de Ipanema, relaxou, gozou. Era a Cidade Maravilhosa, universalmente reconhecida.

Enquanto isso Israel Pinheiro, com punho de ferro, erguia Brasília. E um outro herói olímpico, como um deus grego – engenheiro Bernardo Sayão – tomou de peito rasgar a estrada decisiva daquela nova brasilidade: a da Belém amazônica à Brasília cerratense – aquela que já do há muito esquecido Tratado de Tordesilhas – trilhava justo sua coordenada, como que de vingança histórica...

Mas foi a floresta que se vingou. Uma gigantesca árvore, boida em suas raízes pelos tratores, caiu sobre a tenda de Sayão, arrebentou-lhe o corpo, matou-o. No outro dia, Brasília inteira acompanhou-lhe o

féretro e, soçobrada em lágrimas, inaugurou o Campo da Esperança, a necrópole brasiliense. Recentemente, segundo notícia de jornal, zeladores do cemitério, ao reconstruir seu túmulo, teriam encontrado o corpo incorrupto, por certo pelo formol que lhe injetaram em Belém.

Termina aqui a Brasília que chamaria de heróica, de empolgante, de catártica, o fato digno de menção especial na história moderna do Brasil. Homens do campo do país inteiro transformaram-se, em um passe de mágica, em peões da construção civil. No auge das obras, havia dias de 170 internações por acidentes no canteiro formigante.

Brasília, Planalto Central, capital da Nação e do cerrado. O que há de brotar aqui?

Já se sabe, não é a síntese do Brasil, nem em matéria de etnias ou de culturas. É outra coisa muito diferente, dilacerada nas quadras inorgânicas do seu displicente urbanista. Dilacerada por distantes bairros periféricos igualmente obtusos, mas já detectado seu sotaque próprio desde os anos de 1970, segundo o estudo de uma filóloga brasiliense.

Mas, sabe-se, Brasília cria-se e inventa-se. Podem morrer as flores loucas do cerrado – mas não morrerão suas figuras estéticas. Adotaram aqui os luais havaianos – festas nas luas cheias, à beira dos gramados e piscinas de Brasília. A gente que habita Brasília permanentemente pouco tem a ver com os poderes federais, que de cinco em cinco anos passam por lá sem deixar saudades.

Inventam Brasília descosida aquelas moças e moços que estudam literatura brasileira em um *studio* do tipo de Saigon, lufando nos ares padrões florados das ilhas de Madeira, antigo vestibulo do paraíso em vida.

(Palestra proferida no Auditório do IHG-DF, em 20/05/98.)